

PRODUÇÃO DISCURSIVA DE GÊNERO, CADERNOS DE RECEITAS CULINÁRIAS E PRÁTICA DOCENTE

Juzelia de Moraes Silveira - UFG

Resumo

O artigo, oriundo do projeto de pesquisa de doutorado em Arte e Cultura Visual/UFG¹, visa investigar a construção de meu gênero, isto partindo de meus recortes e artefatos visuais em que são verificáveis a evidência desta construção. Para tecer tal investigação, parto da observação das visualidades que constituem meu caderno de receitas culinárias, isto por acreditar que este é o local em que meu gênero mais se evidencia. Por meio desse processo intento pesquisar como se constroem nossos discursos de gênero, refletindo acerca da preponderância dos contextos socioculturais nestes processos.

Palavras-chave: gênero, visualidades, caderno de receitas culinárias.

Abstract

The present paper, derived from the research project for a doctorate in Art and Visual Culture/ UFG, aims at investigating the construction of my gender, coming from my clippings and visual artifacts that are a verifiable evidence of this construction. To make such an inquiry, the observation of delivery visualities forming my notebook of recipes, believing this is the place where my gender is more evident. Through this process it is an attempt to research how to build our gender discourse, reflecting on the focus of sociocultural contexts on these processes.

Keywords: gender, visualities, notebook of recipes.

Receitas de homens e mulheres

Quando pequena frequentemente era presenteada com bonecas, roupas da Xuxa, panelinhas de plástico, e demais presentes que visavam inserir-me em um universo estabelecido previamente como feminino. O curioso era que nas casas da redondeza da vila em que cresci não havia muitas meninas, o que me fazia ter mais contato não apenas com as brincadeiras de meninos, mas também com ações (assistir jogos de futebol, por exemplo) especificidades compreendidas como inerentes ao âmbito masculino.

Minhas escolhas e desejos foram se configurando muito mais em torno de minha interação com amigos, do que propriamente em razão dos artefatos e concepções que as pessoas e a sociedade buscavam me impor sob uma ação

naturalizante de estabelecimento e encaixotamento em um gênero específico. Todavia, tais ações determinaram minha percepção acerca do que, pela sociedade, era colocado como correto e verdadeiro.

Se por um lado fui constituída em minha infância muito mais por ações atribuídas ao universo masculino, no fim de minha adolescência assumi como um de meus fazeres preferidos algo que é significativamente determinado pela sociedade como uma ação feminina: o ato de cozinhar. Evidentemente sabemos que tal ato não se restringe às mulheres, todavia a obrigatoriedade de apreensão deste fazer se coloca por muito ainda às mulheres.

Partindo dessas reflexões penso: Que mulher sou eu? Em que gênero me insiro? Evidentemente apenas esses breves apontamentos não dariam conta de tecer uma perspectiva acerca de minha construção enquanto pertencente ao gênero feminino, entretanto tais questões sugerem os possíveis trânsitos entre aspectos por muito definidos como característicos a um ou outro gênero e que vão se reconfigurando em tempos e espaços distintos, de modo a suscitar a reflexão sobre os traços que distinguem os gêneros para além da constituição biológica que determina os sexos.

A atenção sobre o gênero evidencia a relevância que tal questão possui em âmbito social, onde desde a descoberta do sexo da criança começam a ser tecidas expectativas, desejos e planos; passam a ser construídos mundos imagináveis para a pessoa inserida em determinado gênero em razão das condutas assumidas culturalmente para um ou outro sexo. Nestes mundos imagináveis são pensadas roupas e acessórios possíveis, atividades a serem praticadas, atitudes comportamentais a serem adotadas e tomadas pelo sujeito, moldando, delimitando, instaurando e, por muito, perpetuando padrões que conferem normalidade a cada indivíduo dentro dos preceitos de cada sociedade.

Neste sentido, artefatos conceituais e imagéticos estabelecem mundos possíveis para homens e mulheres, definem o roteiro da constituição do corpo-gênero social. Cada gênero vai sendo construído mediante referências anteriores dos indivíduos de um mesmo grupo social, bem como vai se reconfigurando na

medida em que vão sendo lançadas outras perspectivas acerca de condutas que se adéquam às transformações sociais.

Acerca de tais questões é importante mencionar as contribuições da teoria queer no sentido de pensar os gêneros enquanto subjugados por intuitos normalizantes dos sistemas de poder presentes em âmbito social. Segundo Dias (2005)

É importantíssimo ressaltar que *teoria queer* não é *uma* teoria, mas um complexo e distinto corpo teórico abstrato que se esforça em desafiar e em minar qualquer tentativa de conferir à identidade aspectos de normalidade, singularidade e estabilidade. (p. 279)

Ainda, encontramos nas proposições de Judith Butler, uma das principais referências no que tange às problematizações da teoria *queer*, apontamentos acerca dos sistemas normativos que visam impor aos indivíduos sua inserção em um ou outro gênero. Sistemas que visam determinar padrões de comportamento aos indivíduos e reforçar a concepção do binômio masculino ou feminino, como as duas únicas opções possíveis.

Todavia, de acordo com Butler, a ocorrência de gêneros que vazam pelos contornos destes padrões, acaba por suscitar a discussão sobre a possibilidade de constructos de gênero que ultrapassam o inteligível estabelecido socialmente.

Nossas pressuposições sobre os corpos sexuais, sobre o fato de serem um ou outro, sobre significados que lhes são considerados inerentes ou decorrentes de serem de tal ou qual modo sexuais, se vêem repentina e significativamente perturbadas por esses exemplos, que não concordam com as categorias que naturalizam e estabilizam esse campo dos corpos para nós nos termos das convenções vigentes. Consequentemente é o estranho, o incoerente, o que está “fora” da lei, que nos dá uma maneira de compreender o mundo inquestionado da categorização sexual como um mundo construído, e que certamente poderia ser construído diferentemente. (Butler, 2003, p. 160-161)

Compreendendo os gêneros como construções socioculturais e não apenas físico-biológicas, percebemos como as representações visuais sugeridas acerca do gênero operam diretamente na produção e ‘oferta’ de identidades possíveis, ampliando a conceituação acerca dos distintos ‘eus’ passíveis de serem incorporados por um indivíduo. Questões estas significativamente afetadas pela multiplicação dos sistemas de representação cultural que nos ofertam inúmeras identidades com as quais invariavelmente poderíamos nos identificar (HALL, 2006).

Nessas identidades contemporâneas pode-se observar um trânsito cada vez mais intenso entre elementos atribuídos ao masculino e feminino, isto roçando zonas de poder determinadas em inferir padrões de normalidade aos indivíduos, a estabelecer “a verdade” a ser compreendida e seguida de modo a garantir a aceitabilidade dentro das condutas sociais.

(...) somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.(Foucault, 1979, p. 101)

Partindo então de tais reflexões acerca da construção dos gêneros enquanto determinados por sistemas de poder, de artefatos e elementos sócio-culturais, bem como de fatores concernentes a tempos e espaços específicos, repenso as questões lançadas anteriormente para refletir minha construção dentro do gênero que me foi atribuído e altero o questionamento: Que mulher estou sendo? E ainda, observando a relevância de tal questão em minha construção docente surge outra questão: De que modos tais aspectos concernentes às construções de meu gênero determinam os discursos por mim produzidos acerca deste tema? E disto surge: Que docente estou sendo?

Para buscar possíveis reflexões a tais questões, me proponho a investigar meus recortes, sob a forma de elementos e visualidades que me constituíram até então. Para tanto, recorro a um local em que particularmente percebo as maiores evidências da construção de meu gênero: meu caderno de receitas culinárias. Esta busca se dará ao longo da pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG e visará a investigação destas questões em articulação com minha construção docente, no intuito de pensar como a construção de meu gênero é determinante nos discursos que produzo.

Acrescente aos poucos a farinha, passe um pouco de batom e deixe descansar durante o primeiro tempo do jogo do Inter...

Frequentemente somos tomados por desejos de criação de um espaço individual, ‘locais’ que guardam elementos que vamos incorporando aos nossos repertórios de preferência, gosto, estilo, personalidade... Enfim, que dialogam com

nossos interesses e, por conseguinte vão desdobrando-se em interesses outros. Para muitos esse local pode ser compreendido como uma agenda, uma caixa de guardados, um mural de fotos ou um blog, para mim, este local configura-se em um caderno de receitas culinárias, mediado e reconfigurado a partir da relação com outra produção: o caderno de receitas culinárias de minha mãe.

Seu caderno não era apenas um local para anotar receitas, mas um objeto onde inseria quaisquer coisas que a interessasse, como registros de momentos relevantes, artigos de assuntos diversos, poesias, fotografias. Neste local observamos sua história sendo contada evidenciando não apenas fatores que a constituíam, mas, sobretudo questões ocultas presentes em sua identidade, sugerindo por vezes inúmeras outras identidades existentes naquela pessoa que eu reconhecia como mãe.



Fig.1. Imagens das páginas do caderno de receitas culinárias de minha mãe.

Bem como minha mãe comecei a construir meu caderno de receitas culinárias, motivada não apenas pelo prazer de cozinhar, de descobrir sabores novos e fazeres apaixonantes, mas sobretudo pelo desejo de, como ela fazia, ir construindo a estética de meu caderno por meio de meus recortes, ir selecionando registros de minhas vivências que me eram significativos. Deste modo, agora retornando às páginas de meu caderno, passo inevitavelmente a observá-las com olhar de professora de Artes Visuais e ainda carregada dos sentidos despertados pelas pesquisas desenvolvidas ao longo de minha trajetória acadêmica, em que o gênero e a sexualidade amiúde estiveram presentes.



Fig 2.- imagens de páginas de meu caderno de receitas culinárias, onde ficam evidenciados os elementos que dialogam com as receitas

Ao aprender a cozinhar, além do prazer de descobrir novos sabores, técnicas interessantes, percebi as possibilidades de interação proporcionadas pelos momentos de cozinhar para os amigos, momentos informais em que os diálogos iam construindo, reconstruindo e transformando concepções, especialmente no que tange à questão do gênero e da sexualidade, temas que pesquiso desde a graduação em artes visuais. Deste modo sinto-me instigada a lançar olhares sobre minha constituição de gênero observadas sob o ponto de vista dos recortes e guardados contidos no caderno de receitas, e dos elementos que falam de minha subjetividade.

De acordo com Luciana Loponte

Nosso olhar para a docência não está inscrito em um corpo neutro, desprovido de nossa própria subjetividade, é um olhar localizado em um corpo historicamente específico, construído pela cultura e pelas “pedagogias visuais” do nosso tempo. (2008, p. 161)

Ou seja, o modo como atuamos na docência, nossos discursos e processos de mediação pedagógica são significativamente definidos pelos meios com os quais construímos nossas identidades, bem como tendem a arraigar-se em preceitos morais que nos foram ensinados ao longo da vida. Tal questão afeta

significativamente os modos como mediamos diálogos acerca da sexualidade e do gênero no âmbito escolar, sendo inclusive determinante nos temas que selecionamos como passíveis de serem abordados. Neste sentido Louro infere que

Sabemos que mesmo o texto mais radical e contestador pode ser "domesticado" e pode perder sua força dependendo da forma como é tratado. (...) Professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que lêem, o que dizem, ouvem ou fazem. (...) é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 1997, p.129)

Todavia, invariavelmente tais questões adentram a escola, produzindo e/ou reforçando por vezes concepções preconceituosas que perpetuam sistemas de dominação por meio de discursos de gênero, sendo estes significativamente marcados pelas imagens presentes no contexto sociocultural, apontando para a intrínseca relação da imagem com a produção de discursos (FREEDMAN, 2006).

Compreendendo que tais assuntos invariavelmente serão discutidos fora da escola, creio que neste processo dialógico entre professor/aluno seja fundamental a atenção sobre os diversos meios e visualidades que constituem os gêneros em gerações diferentes. Isto com base em uma concepção acerca do professor como um mediador, atento ao universo em que está inserido o aluno, às forças atuantes no seu processo identitário, de modo a articular saberes e vivências entre indivíduos constituídos por afetos distintos, em que ambos são aprendizes.

Deste modo, investigar as construções identitárias e dos discursos acerca do gênero de professores, atentando para as imagens e referências culturais que determinaram e determinam essas construções é ampliar e flexibilizar as discussões acerca das possíveis identidades que surgem e se modificam em razão dos fatores socioculturais.

Separando os ingredientes e escolhendo a panela

Após a seleção dos ingredientes que comporão este prato, observo a panela que a priori melhor parece comportar e satisfazer ao processo de cozedura, atentando para as particularidades de cada substância envolvida nesta alquimia. Deste modo, afim às concepções de Zabalza (2004) acerca dos diários de aula

como locais para promover a reflexão da prática docente, percebo a proposição de uma investigação que parta de meu caderno de receitas culinárias, local que guarda repertórios de imagens e que conta minha construção identitária e subjetiva como uma possibilidade de ampliação da reflexão da docência pensando as referidas imagens como narrativas destas construções. Segundo Zabalza

a reflexão sobre a própria prática, a introdução de proposições reflexivas na ação de ensinar faz com que saíamos de um terreno de certezas dadas para outros e de rotinas procedimentais, etc. para um terreno de tomada de decisões, de debate, de insegurança, de criação... (2004, p.23)

Partindo deste intuito de pensar a formação docente em um aspecto mais amplo, que compreende o professor enquanto indivíduo constituído não apenas por aspectos que concernem à sua profissão, mas, sobretudo, por fatores sócio-culturais e por suas vivências particulares, que afetam sua prática docente, vislumbro para a elaboração metodológica desta pesquisa os enfoques da pesquisa narrativa, uma vez que a investigação visa a análise e reflexão das produções discursivas de gêneros, dadas a partir de meus acervos de imagens e recortes vivenciais.

A pesquisa narrativa compreende a análise de fatos ocorridos ao longo da vida dos atores narrados de modo a propiciar meios particulares de organização da experiência, de observar em razão de tempo e espaço individuais os acontecimentos que constituíram vivências. Entretanto, esta observação dos acontecimentos se dá pelas redes de construção da experiência não de um modo individual, mas por meio das interações e produções coletivas de fatos que constituem o indivíduo enquanto ser social. Conforme Martins e Tourinho

Ao falarmos de experiência estamos nos referindo a vivências que são ao mesmo tempo pessoais e sociais. (...) Como seres humanos construímos nossas experiências individuais de modo relacional, ou seja, sempre em contexto, sempre no mundo social. (MARTINS e TOURINHO, 2009, p.6-7)

Deste modo percebo a possibilidade de investigação de minhas experiências, de minha construção identitária por meio da produção de meu caderno de receitas culinárias, local em que são evidenciadas inúmeras imagens que contam relações e práticas sociais tecidas ao longo dos anos, bem como recortes de elementos que relatam a identidade oficialmente feminina sendo atravessada inevitavelmente por transformações sociais e conceituais acerca da concepção de gênero. Neste exercício autobiográfico de me reconhecer nas imagens e fragmentos

selecionados, repenso e reinvento minha história de vida (BOLIVAR; DOMINGO; FERNANDEZ, 2001), compreendendo e reconstruindo minha identidade.

Traçados tais apontamentos, vislumbro a coerência de uma pesquisa pautada nos princípios da investigação narrativa de modo a investigar a produção dos discursos de gênero com bases socioculturais e a pertinência da análise de minha própria autobiografia como possibilidade de compreender como construímos nossas concepções e gêneros.

¹ Artigo oriundo da pesquisa de Doutorado em Arte e Cultura Visual, em desenvolvimento na Universidade Federal de Goiás, intitulada "A produção discursiva de gênero pensada a partir de um caderno de receitas culinárias", sob orientação da Prof^a. Dra. Leda Guimarães.

Referências:

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e Subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOLIVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNANDEZ, M.. La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria *queer*. In.: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea. Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar la cultura visual**. Currículum, estética y La vida social del arte. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPONTE, Luciana. Pedagogias visuais do feminino: Arte, imagens e docência **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura -CEAC**. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula** – um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Juzelia de Moraes Silveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual/PPGACV, Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais, todos pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Membro do Grupo GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq.
juzeliamoraes@gmail.com